



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Baldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Patta; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal*, por Pinheiro Chagas;—*O repouso*. (René Maizeroy). trad de D. Guiomar Torrezão;—*Miragem*. versos, por Hamilton d'Araujo;—*Pobre mãe!*, conto, por João Augusto Martins;—*As nossas gravuras*;—*Reminiscencias historicas (A campanha do Egypto—18 do Brumari)*, por Castor;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Expediente*;—*A clarinha*. conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Thomaz Bastos*;—*Armand Carrel e Emile Girardin*;—*Convento de S. Theodosio, em Kiev (Russia)*;—*Modas*;—*O rei Kalakaua*.

paiz do que as estranhas coisas que se tem dito e de futuro se disserem nas duas casas de parlamento. Superior a tudo isso está a opinião publica, a vontade inquebrantavel do povo—o carneiro com batatas!

Não me interessa quasi nada a situação real do for-

## CHRONICA

Pois sim, cantem-lhe!

Eu sei que vou ficar desconceituado aos olhos de algumas pessoas das minhas relações, que espontaneamente me tomavam a serio no meu papel de chronista; eu sei que vão cortar-me as abas da casaca, que felizmente são compridas e que portanto hão-de ficar, não tarda muito, nas proporções convenientes á ultima elegancia; eu sei que vão chamar-me nomes feios, que vão considerar-me um mau character, que vão até...

Quem sabe? Talvez eu me engane; talvez aos meus amigos a politica não importe mais do que a neve que choveu no seculo passado, e que, mercê d'essa honestissima disposição d'espírito, menos ainda lhes importe que eu falle ou não da chefatura do partido regenerador, do sr. Serpa, do sr. Barjona, de nenhum senhor. Permitta Deus!

Sinto-me novo de mais, para discutir sobre o procedimento de uma pessoa de idade. De resto, ninguem me tira da cabeça que não ha nada mais inutil para o



THOMAZ BASTOS

midavel partido dentro de cujo estomago se debatem, na collisão presente, importantissimos problemas sobre phenomenos puramente digestivos. Que seja este ou aquelle o seu fiel representante, que seja aqui ou alem o seu baluarte... Ninharias!

E note-se que, apesar de tudo, eu tenho opinião formada, sincera, simples, madura. Entre o sr. Serpa e o sr. Barjona, não hesitava o meu espirito um instante. Entre um e outro, gosto mais d'ambos. Acho-os a ambos muito sympathicos. Acabou-se. E' uma opinião.

O ceu vota commigo. Desde que emfim está resolvido que o partido regenerador permaneça, escravo dos seus principios, integro, indivisivel, unico, indo apenas metade para um lado, outra metade para o outro, e para a massa dos impossiveis alguma coisa que, findas as contas, tem de sobrar fatalmente da divisão em duas metades; desde que o pleito parece concluido de uma maneira soffrivel para qualquer das partes, é vêr que noites deliciosas o ceu tem dado á gente.

Que noites! que luar! que bom humôr vae lá por cima! Abençoado agosto que assim nos entra em casa, poetico, risonho, amavel. D'esta maneira, torna-se até indispensavel perdoar-lhe aquelle sol ardente que, durante o dia, calcina sem piedade a nossa pobre substancia.

Noites como estas não as havia talvez no paraizo; dias assim ha-os sómente no inferno, onde é preciso aquecer trezentas legiões de diabos.

Quem, pela uma hora da tarde, por devoção ou por necessidade, fizer a baixa, volta de lá tristissimo por dentro e molhadissimo por fóra. Este segundo phenomeno é conhecido de todos; quanto á tristeza a que alludi, resulta ella irresistivelmente do abandono em que vegeta a capital, onde agora é rarissimo encontrar alguns d'aquelles lisboetas que antigamente, pelas seis horas da tarde, eram profundamente indispensaveis na Avenida, com o seu ar distincto, com os seus distinctos cumprimentos para dentro das equipagens sumptuosas que, não raras vezes, transportavam apenas os lacaios.

De noite, sim, de noite é que se pode viver. Ao pallôr melancolico da lua, sente-se a gente extasiado em face da natureza, e faz-se vadio.

N'uma noite d'estas não fica mal a ninguem o recolhêr a deshoras, embriagado d'amor. Não só porque a policia não tem interferencia alguma n'este genero de embriaguez, que não comprehende, como tambem porque, por mais honesta que uma pessoa seja, nunca deixa de possuir, nos seios d'alma, uma porção infinitesimal de sentimentalismo, com que derrame a sua benção sobre a cabeça escandecida dos trovadores noctivagos.

Tanto mais que são bem poucos; a maior parte dos poetas andam com as pombas, em villegiatura. Quem é que, possuindo quatro vintens de bom gosto e quatro libras em dinheiro, é capaz de resistir á tentação de ir tomar ares ou aguas em qualquer ponto do paiz?

Porque em Lisboa, já disse, toma-se fogo, nada mais—o que é perfeitamente independente da boa ou má direcção que o sr. Pinto Coelho imprima ao seu Alviella. Faço esta observação, para que não vão suppor que é meu intuito maldizer aqui da companhia das eguas, unica, segundo alguém me fez notar, que o jornalismo ataca sem piedade, constantemente. Este mesmo circumspecto alguém quiz demonstrar-me, partindo da caprichosa excepção, que o jornalismo tem horrôr á limpeza!

Queira Deus que isto não seja uma verdade.

A facilidade de conducção tornou-se extrema. O continente acha-se já coberto de uma bonita e complicada rede ferrea, mediantê a qual os respectivos empresarios pescam até muito bons patacos.

Em velocidade, é sabido que nada excede um comboio portuguez. Mas, não só em velocidades, tambem em rigor de linguagem nos havemos de tornar inimitaveis.

Um exemplo: Da estação de Alcantara ás Caldas da Rainha, reza o horario, gastar-se-hão rigorosamente cinco horas menos um minuto. Este minuto, segundo

penso, é para a gente se benzer. O comboio parte precisamente ás sete e quinze, e chega ao meio dia e quatorze. E quatorze. Ora toma!

Ha talvez n'isto um pequenino desprezo de segundos, insensivel, evidentemente, em calculos d'esta natureza. Pontualidade britannica. Viva!

Tão depressa possa, vou eu ás Caldas. Impellem-me n'este sentido muito diversas rasões, todas imperiosas, entre as quaes apenas citarei o desejo que sinto de ficar sabendo de que tamanho são os minutos n'aquella linha. Peço a Deus que não haja n'esse dia descarrilamento que me dificulte a observação, forçando-me a chegar alguns minutos mais tarde, ou mesmo a nunca mais chegar.

Fazia-me isso um transtorno de todos os demonios, porque nas Caldas gosa-se, e eu sinto, urgentemente, a necessidade de me aborrecêr um pouco menos do que me tenho aborrecido, ha mais de um mez, n'esta cidade de marmore, que o ceu confunda!

Que vida horrivel eu tenho aqui passado! Se o sr. José Julio Rodrigues, lente de chimica da escola polytechnica, e meu amigo, não tivesse tido o bom gosto de me reprovar em analyse mineral, estava eu a esta hora sem nada, mesmo nada em que pensar. Tinha talvez exalado o ultimo suspiro.

Approvado como eu já estava nas outras cadeiras que frequentei—economia politica, calculo integral, e geometria descriptiva, todas regidas por gente séria, e em cada uma das quaes mereci 13 valores—o que seria de mim, se o sr. José Julio, independentemente das negras informações que, sem a minima prova, o dr. Lourenço de mim lhe dava, o que seria de mim, repito, se o sr. José Julio, meu amigo, me tivesse arrojado á valia dos communs, approvando-me tambem em analyse chimica, que é, sem duvida, o seu forte?

Assim, resta-me ainda alguma coisa em que pensar até outubro, até á eternidade, se tanto fôr preciso!

Não imaginem, porém, que tenciono adormecêr sobre as catastrophes successivas. Calei-me d'esta vez porque, sem que tal fosse a intenção e com rasões detestaveis, fizeram por acaso o seu dever. Eu não sabia nada. Hei-de porém sabêr quando eu quizer, e n'esse dia hão-de approvar-me, creiam.

Nem eu sei a que proposito fallei n'esta grandissima sensaboria, que nada interessa aos outros, e que a mim proprio tem já preocupado mais do que valia a pena.

Eu estava já nas Caldas, se me recordo bem. E é notavel que eu para lá me tenha encaminhado precisamente na mesma occasião em que tantas pessoas de lá fogem. Isto não quer dizer que eu tenha horror ao mundo; pelo contrario, o mundo vae commigo. Vão commigo, por exemplo, os amadores de touros, a quem sorri voluptuosamente o programma de uma corrida que lá deve realisar-se, a quinze d'agosto.

Da resto, ainda lá se realisam *pic-nics* estrondosos, passeios magnificos, ainda lá ficou a poderosa iniciativa dos viscondes da Graça, de madame Fiuza, Champallimaud, etc.

Estão lá ainda a *Copa*, a Foz, o amor e... a roleta. Cala-te bocca.

Uma noite, no Club, estavam já todos um tanto ou quanto aborrecidos. Um dos *habitués* que, ali pela hora de servir-se o chá, costumava ter o estomago em muito boas disposições de receber visitas, e que, portanto, no seu plenissimo direito, entrava sensivelmente pelas fatias; cavalheiro este aliás muito respeitavel, impando como estava, ia soltar, naturalmente, um respeitavel bocejo.

—Não abra a bocca, sr. Fulano. Olhe que lhe pode cahir alguma fatia, observou-lhe affectuosamente um satyro que passava.

## Cincoenta e tres annos de parlamentarismo em Portugal

### I

O nosso excellento amigo, e talentoso escriptor, o sr. Clemente José dos Santos, hoje barão de S. Clemente por injusta sentença de um tribunal ignorado, que condemnou ao baronato por toda a vida um dos homens mais dignos e um dos trabalhadores mais prestantes que temos conhecido, o sr. barão de S. Clemente pois, já que não houve, que saibamos, commutação d'essa injustissima pena, publicou este anno um livro intitulado *Estatisticas e biographias parlamentares portuguezas*, que encerra especies devéras interessantes, e onde iremos rebuscar, segundo o nosso costume, informações curiosas para as darmos aos nossos leitores.

Tomemos as camaras portuguezas nas suas primeiras sessões, quer dizer as primeiras sessões do seu periodo effectivo e permanente, porque mal podem considerar-se periodos parlamentares aquelles prologos de 1821 e de 1826. Tomemos pois as camaras na sua sessão de 1834, no dia 15 de agosto d'esse anno quando, subindo a escada acabada de construir á pressa e quasi milagrosamente, entraram n'essa sala provisoria onde ainda hoje funciona a camara dos deputados, o imperador D. Pedro, pallido e doente, mal imaginando comtudo que teria apenas um mez de vida; a rainha D. Maria II, em toda a flor da sua gentileza e dos seus quinze annos, e os marechaes, os generaes que tinham feito as campanhas heroicas, os deputados que eram todos ou quasi todos emigrados que voltavam á patria. Que alegria immensa devia ser a d'essa sessão solemnisssima! Como se ouviria com enthusiasmo e em respeitoso silencio o discurso da Côroa, proferido com voz debil pelo regente, pelo imperador, pelo duque de Bragança.

A camara dos pares era presidida pelo duque de Palmella, a dos deputados por D. Fr. Francisco de S. Luiz, o grande escriptor vernaculo, o eminente prelado, uma das glorias da nossa Igreja.

Os ministros que rodejavam D. Pedro eram homens como Agostinho José Freire, Silva Carvalho, Joaquim Antonio de Aguiar.

Imaginemos o que seria o aspecto das galerias n'esse dia solemne, e o que pensariam os soldados que formavam na passagem do cortejo e que se lembravam de que fôra para que as côrtes se abrissem que tinham derramado o seu sangue por tantos campos de batalha; mas todos haviam de sentir um jubilo profundo, e imaginamos que devia correr um fremito pela espinha dorsal de todos os que assistiam á cerimonia, quando D. Pedro, erguendo a voz, pronunciou estas palavras sacramentaes: *Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza*.

Palavras banaes, que depois tantas vezes se repetiram, e que hoje quasi que não fazem acudir aos labios senão um sorriso de mofa por essas formulas de respeito que os factos desmentem.

E D. Pedro continuou:

«Chegou emfim o dia tão anciosa e ardentemente por mim desejado! Dia de gloria e de ventura, em que, depois de corrido um vasto circulo de acontecimentos quasi prodigiosos, debellado o fero monstro da tyrania, extinctos os furors da guerra civil, e restaurado o throno da rainha, minha muito amada e presada filha, vejo reunidos em roda d'ella os representantes da nação, ricos de sabedoria, de prudencia, de firmeza e de amor da patria; e nobremente empenhados em promover, pela observancia da Carta e pelo illustrado desenvolvimento dos seus principios, a estabilidade e esplendor do mesmo throno, a consolidação do systema constitucional, e a felicidade e prosperidade d'esta honrada e generosa nação».

Depois, D. Pedro historiava os acontecimentos: como outhorçara a Carta, como essa Carta fôra recebida com enthusiasmo, como contra essa Carta se levantaram alguns regimentos rebeldes, de prompto subjugados pelo exercito leal; como porém a rebellião afinal triumphara.

«Era um principe da minha familia, dizia D. Pedro, (não posso recordar esta circumstancia sem a mais sensivel magua, mas é forçoso dizel-o) era um principe da minha augusta familia; era um irmão ingrato e degenerado quem animava e promovia os esforços dos rebeldes, com o fim de sentar-se n'um throno elevado sobre a traição, deslealdade e aleivoso perjurio.»

Depois d'estas palavras, que deviam despertar um fremito de applauso em toda a sala, contava os perjurios, os crimes, os assassinos judiciaes, as prisões, os insultos da plebe, as miserias dos emigrados, dizia mesmo que elle não os podéra soccorrer como desejava, mas que acontecimentos inesperados o tinham trazido á Europa, e posto á frente dos que luctavam pelo throno de sua filha. Lembrou os estorvos que encontrara nos sectarios do despotismo, na hostilidade dos gabinetes europeus, e nas «potentes forças de uma associação, que se denomina conservadora e que se acha organizada e derramada por toda a Europa.»

Depois historiava a lucta, fallando no seu manifesto de 2 de fevereiro de 1832, fazendo largos elogios á regencia da Terceira, e áquelles que tinham concorrido com os recursos pecuniarios indispensaveis, tendo por unico fiador a sua firma, por unica hypo-

theca a fortuna das armas. Contou como entrara no Porto a 9 de julho, como a população o auxiliara com patriótica energia, narrou a feliz expedição do Algarve, a defeza heroica de Lisboa, e finalmente a convenção de Evora-Monte. E defendendo-se a esse respeito contra os que o accusavam de brandura, com a allegação de que elle não fazia guerra a Portuguezes, mas só á tyrannia que os assoberbava, manifestava a esperanza de que todas as nações reatariam com Portugal os seus antigos laços de amizade, não sendo de certo a ultima a fazel-o a côrte de Roma. Prestava a homenagem do seu reconhecimento á Inglaterra, França, Belgica e sobretudo á Hespanha, dizia ter assignado o tratado de quadrupla alliança que seria presente á camara juntamente com a convenção de Evora-Monte.

Deu conta rapidamente da sua gloriosa dictadura no seguinte paragrapho:

«Têm-se tomado muitas e mui importantes medidas e providencias para melhor regimen do reino e para mais facil e prompta observancia da Carta. Deu-se nova forma ao exercicio do poder judicial e á administração publica em seus differentes ramos. Organizou-se o exercito e as suas repartições civis. Estabeleceram-se portos francos em Lisboa e Porto e ordenaram-se alguns regulamentos para maior extensão, segurança e liberdade do commercio. Fizeram-se as leis regulamentares que pareceram mais necessarias. Removeram-se muitos obstaculos que embargavam a marcha dos negocios e se oppunham á prosperidade dos povos. Supprimiram-se, finalmente, todas as familias e associações de religiosos de qualquer denominação ou instituto que fossem.»

O governo desculpava-se d'essa dictadura, a que fôra obrigado pelas circumstancias, dizendo não só que muitas d'essas medidas já tinham sido propostas em antecedentes reuniões das côrtes, mas tambem que assim tinham podido ir os povos apreciando os beneficios do novo regimen, e mostrando a experiencia os inconvenientes praticos que em algumas d'essas medidas podia haver.

Chamava depois a attenção para varios objectos, entre os quaes appareciam, como principalissimos, dois: o de decidirem as côrtes se elle, D. Pedro, devia ou não continuar com a regencia, e o de providenciarem para que a rainha podesse casar com um principe estrangeiro.

Recomendava-lhes tambem que fixassem a força de terra e mar, attendendo ao estado em que se achava ainda o reino, e á necessidade provavel de ter que auxiliar a Hespanha constitucional na sua lucta com o carlismo, que se occupassem das leis regulamentares da liberdade da imprensa, da responsabilidade dos ministros e empregados publicos, da inviolabilidade da casa do cidadão, da expropriação por utilidade publica, da instrucção e da beneficencia, da administração do Ultramar, do desenvolvimento da agricultura, commercio e industria, etc., etc.

E com poucas mais palavras concluiu o seu longo discurso.

As camaras decidiram unanimemente que o imperador continuasse com a regencia, e tambem que, por uma vez só, se dispensasse o artigo 90 da Carta para a rainha poder casar com principe estrangeiro.

Mas a doença terrivel, que havia de conduzir á sepultura o heroe de tantas batalhas, já o minava cruelmente, e a 18 de setembro de 1834 D. Pedro escrevia ás camaras, a declarar-lhes que o seu estado de saude lhe não permittia continuar a occupar-se dos negocios publicos. As camaras decidiram então, por unanimidade a dos deputados, por maioria a dos pares, que se proclamasse a maioridade da rainha e que se lhe entregasse o governo. Tinha ella então 15 annos.

O primeiro acto do seu governo pessoal foi extremamente sympathico—foi o de dar a seu pae a grã-cruz da Torre e Espada, cujas insignias lhe foi lançar ao pescoço no leito que tinha de ser d'ahi a pouco um leito de morte.

A camara de 1834, que foi dissolvida a 4 de junho de 1836, teve de votar a dotação da rainha D. Maria II, fixada n'um conto de réis por dia, a da imperatriz viuva em 40 contos annuaes, e de sua filha D. Amelia em 400\$000 réis mensaes, e os contractos matrimoniaes de D. Maria II com o principe D. Augusto e depois com o principe D. Fernando.

N'este anno de 1834 entrou logo tão accessa a politica, que 31 deputados propuseram que se dirigisse uma mensagem á rainha, pedindo a dissolução da camara. Esses 31 deputados eram: marechal Saldanha, Luiz Antonio Rebello da Silva (pae do grande escriptor), Soares Luna (o commandante do corp academico), Basilio Cabral Teixeira de Queiroz, Vieira de Castro (depois ministro setembrista), Bernardo Joaquim Pinto, Passos Manuel e Passos José, Barreto Feio (o erudito), Rojão, Leitão Castello Branco, Macario de Castro, José Caetano de Campos, Francisco Antonio de Campos, (barão de Villa Nova de Foscoa), Antonio Maria de Albuquerque, o famoso José Liberato, o não menos famoso Leonel Tavares, Velloso da Cruz, Ferreira Borralho, Barjona, Sousa Saraiva, Francisco Soares Caldeira, Julio Gomes da Silva Sanches, Augusto de Castilho (o padre), barão de Noronha, Jesus de Athougia, Racorre, Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, (pae de José Estevão) o general Pizarro (que commandara os emigrados na retirada da Galliza), João Bernardo de Sousa e José Joaquim da Rosa.

Teve esta legislatura tres sessões, e durante ellas foram apresentados os seguintes orçamentos de receita ordinaria e despesa igualmente ordinaria.

No anno de 1834 a receita era calculada em 6135 contos e a despesa em 6071, havendo por conseguinte um saldo positivo de 64 contos.

A receita ordinaria de 1835—1836 era calculada em 8100 contos, a despesa em 10:873, a de 1836—1837, em 8420 a receita e em 12.004 a despesa.

Cincoenta annos depois, em 1886—1887, a receita ordinaria era calculada em 32:271 contos, e a despesa em 34:018. Por aqui se vê que a receita quadruplicou e a despesa não chegou a triplicar.

Da famosa lei de 19 de dezembro de 1834, relativa a D. Miguel, e das suas consequencias, occupar-nos-hemos em artigo especial, porque o assumpto é interessante.

PINHEIRO CHAGAS.

## O REPOUSO

(Impressões de um marido)

(RENÉ MAIZEROT)

### I

No fim do parque, debaixo das tilias cujos ramos em flor, alastram na avenida uma sombra fresca, apenas estriada de algumas gotas de luz, ha um banco de madeira carunchosa, do qual se avistam os campos, os pomares, a massa escura do arvoredo e a linha indecisa e azul do mar.

Escolheramos o banco para as horas de preguiça, para a prostração que succede a estes dias abrazadores, e ahi descansamos ao lado um do outro, fallando lentamente, procurando no passado as nossas melhores recordações.

Que suave ambiente ahi se respira, quando o sol desaparece, mergulhando em fulgurações de incendio, o calor diminue e o céu vae, pouco a pouco, empalidecendo, opalisado, illuminado de uma claridade doce e fina.

O parque cae então em mysterioso torpor, sentindo-se no ar rumores vagos e uma branda palpação de folhas e azas.

Vãos de passaros deslisam, como que attrahidos por um iman invisivel.

Os cavallos, correndo á solta na planicie, relinham, aspirando o vento impregnado de sal e do aspero cheiro dos sargaços.

Pennachos de fumo azul desgrenham se por cima dos telhados das herdades, e no céu immovel recortam-se o crescente da lua e a primeira estrella.

A paz das coisas envolve-nos em uma onda tepida, e nem uma palavra sae dos nossos labios, nem um pensamento vibra no nosso cerebro.

Martha reclina, infantilmente, a cabeça no meu hombro, fecha os olhos, e sob o leve estofado do corpete sinto-lhe as pulsações do coração, a caricia da pelle.

Martha tem a respiração curta das creanças. Beijo-a, sem que ella entreabra as palpebras, beijo-a na testa, na extremidade da orelha, nos cantos da boca e nas covinhas das faces.

Martha espreguiça-se, ri, levanta-se a custo, e, saudosos, retomamos o caminho do palacio, que alveja ao longe, perfilando a sua fachada com urnas de marmore onde brilham geranios escarlates e estatuas que dormem, em attitudes heraticas...

### II

Esta manhã, Martha acordou com um appetite doido de fazer doce.

Tratámos logo de ir saquear o pomar, das altas hervas amarelladas do qual se levantavam nuvens de gafanhotos.

Eu seguro a escada, em quanto que Martha, com as saias arregaçadas, os braços nus, um avental de algibeiras, como uma verdadeira aldeã, dá principio á colheita.

Que linda ella está n'essa onda de luz que inunda os seus cabellos, que doira as suas faces rosadas!...

Como o seu enorme chapéu se emmoldura entre as folhagens lustrosas e os fructos vermelhos das cerejeiras! As abelhas zumbem-lhe em torno.

Uma cantiga de homem sóbe ao longe, do fundo da azinhaga.

E vendo-a assim atirar-me cerejas com um gesto de *gamine*, escutando os seus risos sonoros, explosindo a todo o instante e a proposito de tudo, ruflando-lhe a garganta de um arrulho de pomba, lembro-me de Virgilio, de todos os fragmentos de eglogas, outr'ora decorados, e psalmodio gravemente versos latinos, com grande espanto de Martha, que por pouco não cae da escada nos meus braços.

Que deliciosas compotas, e como ellas saberão bem!...

D'alli a pouco, a mesa da cosinha cobre-se de cestos cheios, até não poder mais, de fructos vermelhos, nimbados de vespas gulosas.

E a casa impregna-se do aroma da baunilha e do assucar, em quanto os tachos de cobre faiscam ao lume com reflexos que cegam.

Martha atára á cintura um grande avental; não pára, anda de um lado para o outro, prova a calda, bezunta-se, enche-se de nodos, com a seriedade de um menino do coro ajudando á primeira missa.

E instiga-me, com a sua voz vibrante, ralha, queixa-se de que eu não a ajudo, e exclama, batendo com o pé nos tijolos usados pelos grossos tamancos das creadas:

—Oh! os homens não teem prestimo para nada!

Como as horas passam depressa, agora que eu sou feliz!...

### III

Muitas vezes, depois de jantar, Martha assenta-se defronte do cravo, que data do seculo passado.

Semi curvada, as mãos finas e brancas collocadas sobre as teclas de marfim amarelado, ella assemelha-se a uma bella dama da antiguidade, tocando um minuete de Rameau, ou uma gavota de Lulli.

O pobre velho cravo já quasi não tem som, treme, agonisa, exhalando flebeis suspiros de doente e caindo em silencios melancolicos.

Mas as notas que ainda vibram teem um encanto penetrante, uma indizivel suavidade, o que quer que seja analogo ao perfume, quasi evaporado, dos *sachets* de iris, que se encontram em vestidos antigos, no fundo de um armario por longo tempo fechado.

E acompanham, divinamente, as canções rusticas e a voz clara que as canta, agitam, docemente, as historias amorosas, onde ha sempre uma filha de rei que se lamenta e um trovador paladino, que parte para a guerra.

Martha embala-se com esses leves e perturbantes sons que mal se ouvem, que teem uma lenta suavidade de echo.

As velas não se accendem, por causa das borboletas nocturnas e dos mosquitos.

E nada se compara a essa emoção subtil de ouvir a musica em surdina do instrumento antigo, esmorecendo no silencio, na escuridão saturada dos perfumes exteriores, das platibandas de heliotropos regados de fresco, das roseiras de Provins e de uma grande trepadeira que guarnece os muros e cujas folhas se arrendam nos altos rectangulos das portas de vidraça, que abrem para o largo horisonte...

De vez em quando, a pianista interrompe-se de subito, e voltando-se no banco, exclama com inflexão zombeteira:

—Dormes, Jorge?

Commovido, supplico-lhe que continue, que me deixe ouvir e sonhar.

—Mas eu não sei mais nada, responde Martha, para se fazer rogar.

—Dize antes que não queres, má!

E todas as gavotas, todas as rondas, todas as cançonetas de guerra e de amor, de que eu gosto, ahi passam, uma a uma, como se folheassemos juntos um livro de capitulos maravilhosos...

GUIOMAR TORREZÃO.

## MIRAGEM

### A...

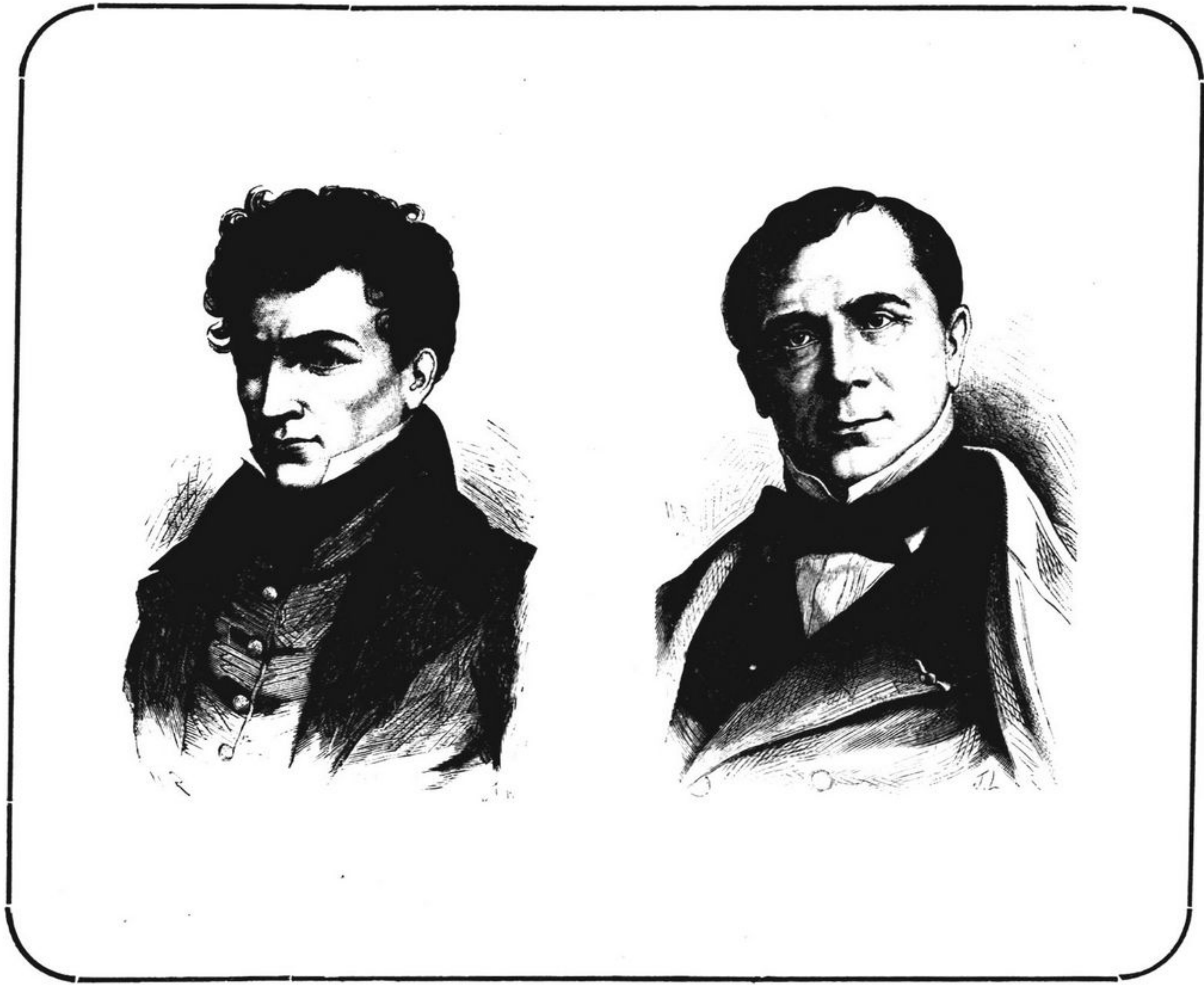
De volta! Já? .. Meu pobre coração,  
Não te embale esse impulsivo brande e trêdo!  
—Loucura! Pensar eu que vinha cêdo  
D'aquella extensa peregrinação!...

Quando tu, gentilissima! arriscavas  
Debes passos no tragico caminho,  
Inda aspirando o musgo do teu ninho,  
Inda sonhando os sonhos que sonhavas!...

Quando a vaidade e o fumo da lisonja  
Manchar-te os brancos pés tentam apenas...  
Se desenganos e amargosas penas  
Nunca choraste como triste monja!...

Quando, aos lados da estrada que percorres,  
Ramagens frescas prendem-te a cintura...  
Quando, correndo após a desventura,  
Sentes que em busca da ventura corres!...

Quando no teu modesto paraizo  
Não cruza um vento mau que dilacere...



ARMAND CARREL E EMILE GIRARDIN

Nem sabes, quando uma desgraça fere,  
Como se estorce a bocca n'um sorriso!...

Quando parecem-te floridos valles  
Os cerros onde poisas como um lyrio,  
E, prelibando o calix do martyrio,  
Enches de novo o prelibado calix!...

De volta!... Padeceste? Porventura  
Queimaram-te umas lagrimas secretas  
Essas aspirações simples, dilectas,  
Que eram mais do que a tua formosura?

Não: tu não soffres. Deixa o coração  
Formar-se, entregue aos vendavaes da sorte...  
—Prosegue, ó minha pallida consorte,  
Na tua extensa peregrinação!

HAMILTON D'ARAÚJO.

## POBRE MÃE!

A enfermaria, banhada pela luz discreta e suave de uma formosissima manhã, recebe dos hospedes doentes que a povoam a coloração typica de uma natureza que internece, deixando ver em toda sua nudez as miserias pungentes da materia, e mostrando em toda a sua realidade as tragedias extremas da dôr.

Vê-se ahí de tudo. Camas enfileiradas como uma serie enorme de algarismos, exibem, á observação e ao estudo, doenças as mais oppostas e doentes os mais diversos, fitando todos o dia de amanhã atravez uma apothese de esperanças, e mostrando, n'uma profusão que commove, a par dos soffrimentos que os torturam—emoções profundas que entristecem!

Um grupo de estudantes, esguios em seus longos *ubsters* safodos, olhar febril e olheiras perversas, escutam, atentos e attentos, a prelecção de um professor illustre.—Percorrem as camas, uma a uma; passam em revista os exemplares mais curiosos da vasta galeria pathologica, assistindo, com a impassibilidade de espectros, aos dramas mais commoventes do grande repertorio da materia.

São os indigitados de amanhã. São os luctadores de sempre!—Procuram, atravez os asperos labores de cada dia, um ponto de vista para a consciencia, e noções praticas para a vida.—Ejé ahí, na simplicidade austera d'uma fraternidade que deslumbra, curvados sobre as gestações collossaes da natureza, que pretendem formular em equação o problema tremendo da vida!—Trocaram as phantasias bizarras dos vinte annos, pelas affirmações positivas da sciencia; trocam os sonhos dourados pelas cogitações sombrias; tornam-se fortes pela lucta; fazem-se bons depois de se haverem feito grandes.

De repente, espalha-se uma noticia que tem o effeito de uma explosão—*um croupl*—Nunca o tinha visto.—Mas ouvira-o pronunciar muitas vezes a minha mãe, e sem saber o porquê, delineara no meu espirito uma idéa, que representando o flagello das creanças, symbolisava o receio das mães.

Todos o sabiam contagioso; poucos o suppunham curavel. Mas a pobre creança esperava-os, e ninguem deixou de correr ao seu appello.

Estendida sobre uma cama, que nem sequer se tinha aberto, era guardada por uma enfermeira loura e formosa como as *ladies* decantadas dos contos, e vigiada por uma pobre mulher, que a fitava com ternuras extremas de mãe.

Tinha dois annos, quando muito; os seus cabellos, d'um louro dourado, revestiam-lhe a pequenina fronte como uma aureola tenuissima de luz; a sua bocca era graciosa, o seu rostinho correcto, e os seus olhos, d'uma transparencia de céu, pareciam buscar, irrequietos, a visão appetecida d'um sonho.

O professor começou a observá-la. E, n'este momento, duas grandes lagrimas, como supplicas silenciosas, rolaram pela face rosea do pequenino doente.—Este homem, que se apparentava de marmore—tremeu. Seus labios pareciam, baixinho, articular palavras curtas, sem nexo; o seu olhar exprimia as luctas de uma anciedade tremenda!

Tornára-se livido; d'esse granito, exsudaram commoções!! E, entretanto, a creança parecia não ter dado pelas luctas que a rodeavam; permanecia indifferente e serena nos longos periodos de repouso, fazendo esforços desesperados nos paroxismos da suffocação. O seu respirar era alto, arquejante e estridoloso; a pelle, de contactos asperos, queimava como se fosse brazas; os labios pediam agua, os movimentos diziam—ar! o seu pequenino coração, como tímida ave assustada, debatia-se sem rythmo e sem norma, em palpações tumultuosas.

Não havia já tempo a perder; o diagnostico era evidente... a indicação uma só: a trachrotomia foi operada.

O contacto do ferro pareceu o contacto da vida! As suffocações, que se haviam tornado proximas e aterradoras, desapareceram, como por encanto; as faces cyanescidas retomaram a bran-

dura do jasper; a physionomia vestiu-se de alegrias, o olhar de canduras... e essa innocencia sorriu!—E ao contacto d'esse riso, a mãe, essa pobre creatura que assistira com uma resignação toda feita de sacrificios e apprehensões aos golpes dilacerantes do escalpello, como que despertou de um sonho, abriu grandes olhos espantados, de duvida, curvou se com a devoção d'uma martyr, beijou o filho... e chorou.....

A' noite, voltei á enfermaria. Trevas condensadas envolviam-a n'um manto salpicado de pequenas luzes amortecidas; o ambiente vibrava ao fremito de vagos rumores supersticiosos; as columnatas desenhavam-se como cyprestes, as camas figuravam tumulos; e todo esse recinto adormecido parecia um dormitorio sombrio dos phantasmas mysteriosos das lendas.

A creança tinha morrido.

O seu corpinho, cadaver, jazia sobre o leito n'uma immobilidade de estatua; e a mãe ao seu lado, esquecida e sósinha, quebrada de angustia e perda de dôres, beijava-o chorando.

Pobre mãe!

JOÃO AUGUSTO MARTINS.

## AS NOSSAS GRAVURAS

THOMAZ BASTOS

Presta hoje o nosso semanario a derradeira homenagem a um dos vultos mais sympathicos da politica, do jornalismo e do magisterio portuguez.

Difficilmente nos modernos tempos se occupa um logar saliente nas fileiras d'um partido ou nas columnas de um jornal, sem atear paixões, provocar calumnias, ou attrahir inimidades rancorosas, que envenenam a existencia, e vão muitas vezes echoar até nas abobadas do sepulchro.

Pois o homem cuja morte desolou o paiz, e cujos meritos commemoramos aqui, luctando sempre como um heroe nas grandes pugnas partidarias, vibrando sempre a penna ou a palavra, com energia igual á força do seu talento, em prol das suas politicas affeições ou convicções, desceu á sepultura benigno de todos e por todos considerado.

Preciso era que fosse grande, como foi, a integridade do seu character, a urbanidade do seu tracto e a superioridade do seu espirito e do seu coração.

Porque não são só os seus amigos pessoases que o elogiam, não são só os seus correligionarios que o lastimam, não são só os seus parentes que o prantêmiam.

Ao côro de soluçantes saudades, que em torno do seu tumulo mal fechado entôam os que com elle tiveram o dôce convivio da amizade, ou da boa camaradagem da profissão ou do partido, alliam-se as commemorações insuspeitas de todos os que, tendo-lhe sido em vida adversarios leaes, vebem cumprir agora o sagrado dever de fazer justiça ás suas purissimas intenções, á sua formosa intelligencia, e aos seus elevados sentimentos de cidadão benemerito, de publicista distincto, de professor abalisado, de parlamentar erudito, e de homem de bem.

A morte, arrancando-o dos braços da familia, não sómente roubou a esta um chefe exemplar, como privou o exercito d'um dos seus membros mais distinctos, o partido progressista d'um dos seus vultos mais eminentes, e o paiz d'um dos homens que mais trabalhou por illustrá-lo e engrandecel-o na imprensa, na tribuna e no professorado.

Thomaz Frederico Pereira Bastos era tenente-coronel do estado maior d'artilheria, deputado por Lisboa e distinctissimo professor da escola do exercito.

Assentára praça em 9 de agosto de 1859, contando 20 annos de idade.

Fôra promovido a 2.º tenente em 24 de julho de 1862; a 1.º tenente em 17 de setembro de 1864; a capitão em 16 de julho de 1868; a major em 12 de julho de 1883 e a tenente-coronel em 16 de julho de 1886.

Era commendador da ordem de Aviz, e de Gustavo Wasa da Suecia, e tinha a medalha de prata de comportamento exemplar.

O rosso saudoso collega foi um jornalista notavel; nas columnas do *Diario Popular*, do qual era redactor, desde a sua fundação, deixa numerosissimas provas do seu talento como escriptor politico, e a evidencia do seu estudo constante e incansavel.

Tambem exerceu, durante annos, o cargo de correspondente do *Primeiro de Janeiro*, e escreveu por muito tempo, com um alto bom senso e uma graça inimitavel, os artigos editoriaes do *Pimpão*, firmados com o pseudonymo de *Sancho Pansa*.



CONVENTO DE S. THEODOSIO, EM KIIV (RUSSIA)

ARMAND CARREL E EMILE GIRARDIN

Inaugurou-se no dia 24 de julho findo, em Rouen, a estatua que á memoria do notavel jornalista Armand Carrel os seus compatriotas mandaram erigir.

Armand Carrel, um dos jornalistas mais vigorosos e um dos politicos mais notaveis que teve a França, morreu d'um duello com E. Girardin. Travára-se em julho de 1836 uma polemica entre o *Temps*, o *Bon Sens* e o *National*, d'um lado; a *Presse*, jornal de Girardin, do outro. Carrel escrevia no *National*.

Esta folha, em 26 de julho de 1836, descrevia assim o duello:

«A explicação directa que houve entre M. Carrel e Girardin não permittiu, infelizmente, que as testemunhas conseguissem uma reconciliação. Chegado ao terreno, Carrel adiantou-se para Girardin, e disse-lhe:

—O senhor ameaçou-me com uma biographia. A sorte das armas póde-me ser adversa. Póde então fazer a minha biographia, mas na minha vida privada e na minha vida politica, se a fizer lealmente, nada encontrará que me seja deshonroso. Não é assim?

—Sim, senhor, respondeu Girardin.

Os padrinhos tinham decidido que os combatentes seriam collocados a quarenta passos e que cada um d'elles poderia adiantar dez passos. Carrel percorreu a distancia com um passo firme e rapido. Chegado ao limite e levantando a pistola, atirou contra Girardin, que apenas tinha dado tres passos.

A detonação das pistolas foi quasi instantanea, mas Carrel atirou primeiro. Girardin exclamou:

—Estou ferido na côxa!

E fez fogo.

—E eu no baixo ventre, disse Carrel, depois do adversario ter disparado.

Teve ainda forças para ir sentar-se n'um comoro, á beira de agua. Os padrinhos e um amigo, o dr. Marx, correram logo para junto d'elle: Persat chorava:

—Não chore, meu bom Persat, disse Carrel, aqui está uma bala que o absolve,—alludindo ao processo do *National*, que deveria effectuar-se no dia immediato.

Depois de ministrados os primeiros soccorros, os amigos pegaram n'elle nos braços, para o transportar a Saint-Mandé. Ao passar perto de Girardin, Carrel quiz parar.

—Soffre, sr. Girardin?

—Desejo que o senhor não soffra mais do que eu.

—Adeus, não lhe quero mal.

Junto da porta do bosque, encontraram um velho militar. Carrel perguntou-lhe:

—Foi alguma vez ferido no ventre?

—Não, senhor, fui ferido n'um braço e n'uma perna; mas conheci alguns camaradas feridos no ventre, que se curaram.

—Triste ferida está!

Logo que o deitaram na cama, Carrel recommendou aos seus amigos:

—Nada de padres, nem de egreja!

Pensando depois na causa do duello e no ferimento, exclamou:

—O porta bandeira do regimento é sempre o mais exposto; de resto, fiz o meu dever.

No fim disse:

—Receio uma peritonite.

Antes de morrer, soffrendo dôres horrorosas, pediu que o mettessem n'um banho.

Houve ao principio uma certa difficuldade em o preparar. Depois, vendo os medicos que não havia inconveniente, prepararam um banho, e metteram-n'o dentro.

Havia dez minutos que se conservava immovel, julgando os amigos que elle ia expirar, quando um disse:

—Está prompto o banho.

Carrel ergueu-se no leito, de repente, e afastou a roupa. Quando entrou no banho, sobreveiu-lhe uma suffocação. Voltou para a cama, e sentindo que ia morrer, tentou fallar, dizendo apenas estas palavras:

—França! Republica! Amigo! Liberdade!

E em seguida expirou.

Os funeraes de Carrel foram esplendidas. Extraordinaria particularidade: assistiu a elles Girardin, que jurou sobre o tumulo do seu adversario, que nunca mais se bateria.

Kiev é a cidade das legendas, dos factos memoraveis; viu Santo André, piégando o zelo religioso de Santa Olga, a conversão de S. Vladimiro, o assalto dos Mongols, a conquista polaca, a victoria definitiva de Pedro, o Grande. As provincias que estão em volta de Kiev, tiveram um destino commum e despertam egualmente um grande numero de recordações historicas. A Ukrania, patria de Mazeppa, tem os seus annos fecundos em fugas, em ataques nocturnos, em saques, em pilhagens. Cada aldeia tem a sua legenda, cada cidade o seu poema epico de guerra ou d'amor. Tal capella ergue-se no logar em que um grande duque foi morto, tal eminencia é a sepultura d'uma horda de tartaros, n'aquella planicie feriu-se uma batalha contra os Polacos.

Junto de duas altas collinas, a uma legua da Velha-Kiev, onde Vladimiro construiu o seu harem e ergueu a estatua do deus pagão, dois piedosos eremitas, Antonio e Theodosio, escavaram na rocha galerias e cellas subterraneas, onde viveram e morreram como santos.

Por cima das cellas, que os dois eremitas habitaram, construíram-se dois conventos sob a invocação de Antonio e de Theodosio, que mais tarde se tornaram os santos protectores de Kiev e foram tidos como os patronos de todos os Russos que se dedicam á vida monastica.

Kiev guarda, divididos em duas reliquias differentes, todos os despojos mortaes do duque pagão, que se tornou o santo mais reverenciado do paiz.

Declivos suaves, atapetados de relva e assombreados por denso arvoredado, communicam o convento de Santo Antonio, d'um lado com a velha cidade e do outro com o mosteiro de S. Theodosio. Estes dois edificios, d'um estylo puro e grandioso, d'uma construcção notavel pela sua solidez, são tidos como os mais bellos da Europa oriental. As cupulas e os zimbórios elegantes e de vivas côres, que corôam os dois edificios, são do mais fino gosto; todas as paredes estão ornamentadas com quadros representando factos da vida dos dois santos. Até o solo é sagrado. Uma centena d'eremitas habitam os subterraneos e um grande numero de homens, victimas voluntarias da penitencia, estão sempre prostrados ante os nichos que ladeiam as galerias subterraneas. Todos choram sobre o pó d'aquelles que ali teem morrido em cheiro de santidade.

No convento de Santo Antonio mostra-se aos visitantes a cabeça de S. Vladimiro, ou antes um bocado de velludo que dizem envolvel-a. Affirmam, todavia, que a pelle conservou a sua natural flexibilidade, os musculos o aspecto de vida e que não tem mau cheiro.

Cincoenta mil peregrinos, Ruthenianianos na maior parte, veem durante o verão, dos governos de Podolia, de Kiev e de Volhynie, visitar estas reliquias.

A nossa gravura representa o convento de S. Theodosio. O arvoredado que o cerca é tão denso que só deixa ver os zimbórios do vasto e grandioso edificio.

## MODAS

Descrevemos d'esta vez ás nossas leitoras duas deliciosas *toilettes*, cujos figurinos lhes damos em gravura.

1.ª *Vestido para passeio, em cachemira bege.*

Corpete russo de bico franzido em baixo, abrindo na parte de cima sobre uma camizeta de velludo lontra; mangas eguaes. Saia lisa, guarnecida com tiras de bordado russo, escaletes, o mesmo bordado no corpete e nas mangas. Segunda saia, muito apanhada ao lado, formando avental e puff atraz.

Completa esta encantadora *toilette* um chapéu redondo, enfeitado com surah *beige* e um ramo de azivinho.

2.ª *Toilette de corridas.*

Véstia a hussard, em panno cinzento *beige*, ornada na frente com alamares, e botoando com botões de metal. A véstia é recortada em pequenos bicos, sob os quaes passa uma tira estreita de panno branco, sendo a gola, muito alta, avivada da mesma guarnição. Saia lisa, bordada com galão mohair branco. Uma tunica, muito comprida, apanhada ao lado, formando avental na frente e grande puff atraz. Faz-se este vestido com 11 metros de panno *beige*.

Serve-lhe de complemento um chapéu de palha, enfeitado com seda escosseza branca e cinzenta, formando na frente um laço Cadichomme.

## CONVENTO DE S. THEODOSIO, EM KIEV (RUSSIA)

Kiev é uma das cidades mais adoradas do imperio russo, e foi, durante seculos, um florão da coroa dos Jagellons. Compõe-se de tres bairros, ou antes, de tres cidades distinctas: Podol, a Velha-Kiev e Petchersk. Todas regortitam de repartições, d'armazens e de conventos; todavia, a primeira é especia'mente a séde do commercio, a segunda a do governo e a terceira a dos peregrinos. Construidas sobre penedos alcantilados, pendem todos por cima do Dnieper. A sua população póde ser calculada em 70 mil almas,

## O REI KALAKAUA

Dêvem estar lembrados os nossos leitores de que o rei das ilhas Sandwich, David Kalakaua, esteve ha seis annos entre nós, depois de ter visitado Pekin, Londres, Bruxellas, Berlim e Paris.

Segundo se disse, o monarcha hawaiano fez aquella viagem no intuito de negociar a cessão das suas ilhas, para viver tranquillamente na Europa com o titulo de monarcha honorario. A negociação, porém, não chegou a realisar-se, por falta de amador.



Parece que David Kalakaua tinha já n'esse tempo o presentimento do que havia de succeder-lhe agera e a convicção profunda da instabilidade do seu throno.

Conforme é sabido, a agencia *Havas* deu ha dias noticia de que rebentara uma revolução em Honolulu.

As causas d'essa revolução, que desthronou Kalakaua, foram as seguintes, segundo a narrativa d'um jornal francez, que temos á vista:

Ha perto de um anno Murry Gibbon, depois d'um passado tempestuoso nas Indias irlandezas, desembarcara nas ilhas Hawal como delegado dos Mormons, com a missão de ali estabelecer um refugio para os adherentes a esta seita.

Era então favorito do rei um americano-allemao, Spreckels. Cabido este da regia benevolencia, Gibbon tratou de o substituir. Conseguiu-o em pouco tempo, e a primeira cousa que fez assim que se apanhou com influencia, foi fazer entrar no espirito do rei a formula «Hawai para os hawaianos», pela qual todos os empregos foram tirados aos brancos e confiados aos indigenas. Combinando depois uma vigorosa pressão administrativa com a corrupção politica pela genebra e pelo dinheiro, Gibbon arranhou para seu serviço e para o de Kalakaua uma importante maioria parlamentar.

Começaram então os dois a fazer toda a serie de gastos, de dispausterios e de prodigalidades possiveis. Já na coroação do czar, Kalakaua se fizera representar. Agora, a rainha Kapiolani foi a Londres assistir ao jubileu da rainha Victoria, á custa do Estado. Ha muitos annos que um membro da familia real está na Italia, sem fazer nada, tambem á custa do Estado. Gastaram-se enormes quantias com o exercito e com a marinha; na occasião do lançamento ao mar d'um novo navio, festejou-se o acontecimento com uma grandiosa orgia, á custa do Estado, orgia que terminou por uma vergonhosa scena de pugilato entre officiaes e marinheiros.

Como faltava o dinheiro nos cofres, Gibbon, de accordo com Kalakaua, recorria a toda casta de expedientes. Contrahiu-se um emprestimo de dois milhões de dollars, sem os subscriptores receberem o minimo dividendo. Os dominios do Estado foram adjudicados por um preço ridiculo e por uma serie de trapallices rendosas para o rei e para o ministro. E o parlamento não foi consultado em nada. Além de tudo isto, Kalakaua, achando pouco, ainda vendeu o monopolio do alcool a um traficante, por 75:000 dollars e dois porcos assados, e depois de fazer o contracto, tornou a vender o monopolio a outro traficante!

Foi então que correu em Honolulu o boato de que 20:000 indigenas tinham posto o premio a cabeça de Kalakaua. Este, cheio de medo, mettu-se no palacio e fortificou-se com canhões. A «Gazeta de Hawai» chamou-lhe gatuno; espalharau-se proclamações incitando os habitantes a não pagarem impostos, e uma assembléa popular determinou o desthronamento do rei e o seu desterro.

\* \* \*

Achando-se em Londres, antes da sua viagem a Portugal, David Kalakaua, que se exprime elegantemente na lingua de Shakespeare, pronunciou um «speech» na Mansion-House.

«Não tenho que receiar no meu reino,—disse elle ao lord maior em resposta a um «toast»—nem fenians, nem atheus, nem jesuitas, nem intransigentes. Nas minhas treze ilhas (de que só oito são habitadas) não podereis descobrir um só nihilista. Porque? Por que tolero todas as opiniões. Sou eclectico. Reaccionario com os reaccionarios, liberal com os liberaes. D'esta maneira, toda a gente está contente commigo, e os meus subditos, isto é, os meus eleitores, imaginam todos que eu sou o melhor dos reis.»

O principe de Galles rio immenso com esta *boutade*.

Mal sabia Kalakaua que, seis annos depois, havia de ser apeiado do throno e desterrado pelos seus subditos, por aquelles mesmos que elle imaginava «estarem contentissimos commigo!»

## Reminiscencias historicas

### A CAMPANHA DO EGYPTO—18 DE BRUMARIO

II

Deixando atraz de si a peste e a morte, Napoleão atravessa ainda uma vez o Egypto. A sua marcha é uma série enorme de colossaes victorias, sendo a principal d'ellas a de Aboukir, que vinga a perda da sua esquadra.

No meio dos desertos egypcios, o famoso general pensa constantemente em Constantinopla e na India, porque a India foi sempre o seu pensamento, quer nas abrasadoras regiões dos tropicos, quer nos gelos de Moscow. Era ali que elle queria ferir o poderio britannico.

Entretanto, a Europa prepara-se para a obra de barbarie consumada em Waterloo. As potencias sublevam-se contra a Republica, como mais tarde hão-de sublevar-se contra o Imperio. A Europa sabe que estas formas de governo conteem em si o germen da Revolução. Assembléa ou dictadura, é a Revolução que prosegue o seu caminho. E' mister acabar com ella, porque se a Revolução morre depois do Thermidor, se expira nos costumes corrompidos do Directorio, conserva-se viva nos exercitos; existe no coração dos soldados. A Russia, a Austria, a Inglaterra e o reino de Napoles alarmam-se. Para pôr termo a este estado de coisas, é preciso reconquistar a Italia, soccorrer a Hollanda. O fogo alastra por toda a parte. No interior, as conspirações; cada movimento de Paris se repercute entre a cavallaria rustica dos realistas da Vendéa e do Meiodia. O proprio Sieyès, o padre, o sonhador de constituições, pensava em cingir uma espada. E o povo dizia:—Onde está Napoleão?

Cercado pelo deserto, envolvido pelo inimigo que não se atreve a atacal-o, mas que lhe impede o caminho da Asia, pelo mar coberto de navios inglezes, Napoleão, no fundo do Egypto, recebe a noticia das desgraças da sua patria. A hora do regresso soou para elle. Mas como transpor o circulo que o rodeia? Como atravessar este mar coberto de vasos de guerra inglezes? Da sua esquadra não lhe restam já senão duas fragatas e dois chavecos. A 23 d'agosto de 1799, Napoleão entrega o commando do exercito do Egypto a Kléber e embarca. O mar está livre. Aporta a Ajaccio, onde se demora sete dias. A 8 d'outubro embarca de novo. Dez navios cortam-lhe o caminho. Gantheaume, que commanda a esquadra, quer recuar. «Para França!» diz-lhe Napoleão. No dia seguinte chega a Fréjus, e o povo exclama: «Eis o vingador!»

Em vão se diz a este povo que Napoleão traz a peste nas dobras do seu manto. Com o sublime sentimento nacional que o distingue entre todos os povos do mundo, elle responde: «Antes a peste que a invasão!»

Em Paris, o famoso general foge ás festas e esquiva-se ao entusiasmo popular. «Os carneiros procuram-se uns aos outros, e os leões isolam-se,» disse Chamfort. A solidão d'um homem sobre o qual se fixam os olhares das multidões, é um grande alimento para a imaginação do povo.

O que faz, no entanto, Napoleão? Que pensamentos se agitam no seu cerebro? De que alavanca vae elle servir-se para levantar o mundo?

O Directorio, estragado antes de ter florescido, era preza da intriga e achava-se rodeado de conspirações. Entregue aos theoreticos e aos corrompidos, o poder não tinha iniciativa. Dividido, e trahido intimamente, comprehendia a impossibilidade da sua existencia. Quando homens como Fouché e Talleyrand se encontram n'um tal meio, é facil imaginar o grau de trevas que podem envolver os negocios d'Estado. Barras introduzia n'elles a baixeza do homem que quer o poder mais por sensualidade que por ambição.

Mas a estrella de Napoleão incita-o a ir por diante. Barras tenta supplantal-o por meio d'um ardid grosseiro, mas vendo descobertas as suas intenções, pede covardemente um logar na nova combinação. Sieyès foi leal. Julgava-se o mais forte. Auxiliado por Napoleão, imaginava poder pensar e obrar. O golpe de Estado de Brumario foi ajustado entre estes dois homens, e Napoleão, fomentando occultamente os seus vastos projectos sob uma apparencia de fadiga e de doença, entregou-se á solidão.

Fallando d'elle, o povo dissera: «Eis aqui o vingador:» Mas tinha dito tambem: «Eis o salvador da França.» Não era porém esse ainda o seu verdadeiro papel.

O que dá a este papel, ao golpe de Estado de 18 de Brumario uma verdadeira razão de ser, e, por conseguinte uma justificação, é que, no ponto onde tinha chegado a sociedade franceza, tornava-se necessario que ella succumbisse pela repulsão dos principios que professava, ou que um homem ajudasse estes principios a subsistirem ao lado um do outro, no mesmo quadro politico. Era preciso que a Revolução pudesse viver junto da velha sociedade. A lucta entre estes dois inimigos tornava-se impossivel. O abatimento era completo. Os philosophos e os revolucionarios activos tinham morrido. A Igreja estava vencida. A sociedade não podia apoiar-se nem sobre a obra philosophia nem sobre a fé religiosa. E no entanto, era mister viver, procurar, não do entusiasmo revolucionario, mas na boa administração do Estado, na solidez das instituições, os meios de sustentar esta guerra encarnizada.

O 18 de Brumario, o Consulado, a Concordata só teem uma significação: Napoleão personifica a epoca guerreira da democracia: é o anel que prende o velho ao novo mundo. A antiguidade divinisa estes grandes mediadores. Napoleão resume ao mesmo tempe o mundo romano e o mundo da idade média; absorve-lhe a substancia e derrama-a no mundo da Revolução.



MODAS

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

## Charada em verso

(Retribuição ao primoroso charadista de Leiria,  
M. MONTEIRO JUNIOR)

Novamente fui honrado  
Co'a sua dedicatória,  
Que me deixou penhorado,  
A ponto de, «na memoria»,  
O seu nome ter gravado.—1

Eu francamente lhe fallo:  
Senti-me tão satisfeito,  
Que quebrei pelo gargalo  
Uma garrafa, e com geito...  
O Geréz era d'estalol!...

Depois, inda mais contente  
Por oferta tão honrosa,  
Fui sorvêr «n'uma nascente»,  
A tal lympa sonora,  
De que fallou G l Vicente.—1

E de vaidade pejado,  
Qual creança ricaça,  
Abençoei o meu fado,  
Por nas charadas que faço  
A ninguem ter plagiado.

De todo muito orgulhoso,  
Eu digo, caro Monteiro,  
Não sou nada hexigoso,  
Nem tenho do «cavalleiro»  
A philaucia de brigoço.—1

Apenas tenho um defeito,  
No dizer de minha avó:  
E' ser eu, um pouco afeito  
A's fatiotas de ló,  
E não gostar do *conceitol*!—1

Poderal... pois se abomino  
O viver da patria longe,  
Como qualquer peregrino  
Fazendo o papel de monge  
No convento. Que destino! ...

Viz u.

PEQUENO ANTONINHO.

## CHARADA CONIMBRICENSE

—Parece me natural •  
Que não saiba o meu amigo  
Que se encontra peso antigo  
Na primeira vertical.

—Obrigadol! isso é sabido!  
E a segunda vertical?  
—Aldeia de Portugal  
E tambem certo appellido.

—E a primeira horisontal,  
Será nome?—Exactamente.  
E note, é bem evidente  
O estar elle no plural.

Tambem neme significa—  
A segunda horisontal?  
—Enganou-se, não ha tal  
Aldeia, é o que elle indica.

—E a primeira diagonal?  
—Essa, (lá vae ao acaso.)  
Será porventura um vaso?  
—E de lata por signal.

Como já temos chegado  
A' segunda diagonal,  
Direi, por ser a final,  
Globo será encontrado.

MATHEUS JUNIOR.

## Logogriphos

(Retribuição a Rei Chiquito—Porto)

Voavam andorinhas nos beirões  
Em vivo rodopio tumultuoso,  
Corriam nos pomares os pardaes  
A debicar no fructo saboroso. 1, 8, 3, 9, 7, 6, 5, 10

Em sombras a poetica campina  
E ao longe, a retalhar o firmamento,  
Soerguia-se o dorso da collina  
Como um gigante inerte, somnolento. 3, 6, 5, 2, 4, 10, 11

Em festa toda a aldeia! A multidão,  
Emquanto o sol tombava mansamente,  
Erguia aos ceus ingenua canção  
Louvando o santo arbusto piamente. 3, 9, 7, 6

E depois, em ruidosa vozeria,  
Pueril, descuidada, delirante  
Pozeram fim a tão alegre dia  
Sob os ramos d'uma arvore gigante.

Porto.

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

Já t'hebo conduzindo docemente  
O sol, pelos confins do Universo;  
Deus das artes, da musica, do verso;—10, 4, 3, 6, 4, 5.  
Chefe das nove musas, finalmente.

Sua irmã Phebe, retirava-se  
Por entre a aurora, precursor do dia.  
Deusa caçadora, logo se via,—7, 8, 10, 9, 10.  
Por entre as rudes relvas embrenhar-se.

Construindo da Troia a perdição,  
Filho d'Endymion, insigne artista,—2, 4, 2, 5.  
Inventor d'arietes e de escudos,

Não ha quem lhe resista á tentação  
De em mulhor formosa pôr a vista  
Com olhos namorados, labios mudos.

Taypas.

A. MARIA,

## Problema

Resolver, com um simples raciocinio, o seguinte problema:

Dois moveis partem no mesmo instante e do mesmo ponto  
d'uma circumferencia de 18 metros de comprimento, percorrendo  
um 5 decimetros para a direita em 6 minutos, e o outro 5 deci-  
metros para a esquerda, em 12 minutos. A que distancia do pon-  
to de partida se realisa o primeiro encontro?

## Decifrações

DAS CHARADAS:—Espartaria—Arbusto.

## A RIR

No album d'um philosopho:

Dizei de uma mulher que ella alcançou um grande successo, d'outra que a sua virtude é superior a toda a macula, e que ella gosa da mais profunda estima; depois perguntae qual d'ellas será mais invejada.

Calino está para casar, mas tem um grande medo do matrimonio.

—Pateta, diz-lhe o pae; não vé; que eu tambem casei?!  
—Bôa comparação! O papá casou com a mamã, e eu vou casar com uma mulher desconhecida!

## UM CONSELHO POR SEMANA

### AGUA PERFUMADA DE NAQUET

Essencia de Bergamota . . .	125	gram.
“ de Ijma . . . . .	60	”
“ de Portugal . . . . .	60	”
“ de Neroli . . . . .	30	”
Balsamo de Tolu em pó . . . .	45	”
Essencia de rosmaninho . . . .	46	”
Essencia de rosas . . . . .	20	gottas
Cochonilha para colorir a mistura . . . . .	16	gram.

Deixa-se tudo de infusão por 10 dias em 12 litros de alcool. Filtra-se, e guarda-se em garrafas.

## EXPEDIENTE

Em virtude d'um desarranjo na machina nova onde se imprime a ILLUSTRACÃO, teve o presente numero de ser distribuido mais tarde aos nossos leitores. factio que nos contrariou sobremaneira e de que lhes pedimos desculpa, fazendo entranhados votos para que tal coisa se não repita.

## A CLARINHA

Vestida de setim côr de rosa, os seus cabellos d'ouro caidos pelas costas, os olhos d'um suave azul celeste, a boquinha microscopica e vermelha, as faces redondas e velludineas, a Clarinha era uma boneca principesca, mas uma adoravel boneca traquinas de oito annos d'idade, que enchia de uma alegria ruidosa o bonito parque do palacio do barão de Sequeira, seu papá.

Havia, no sumptuoso parque, uma gaiola gigantesca de canarios servindo de cupula a um pombal, tão vasto como uma igreja, sem lhe faltar as tres portas symbolicas, de fortes grades de ferro, altas de cinco metros. Sómente por detraz das grades urdia-se uma teia fina d'arame. As paredes do pombal, de uma enorme altura, eram quadriculadas a tijolo vermelho debruado de branco, no estylo do papel de desenho linear que os rapazes empregam na escola. De espaço a espaço, geometricamente calculado, abria um furo quadrado, das dimensões de um tijolo, onde habitava um casal de pombos.

Aos pombos estava vedada a saída do edificio. Em cima, a cupula era toda uma gaiola monstro, cheia de passaros de todas as partes do globo. O pavimento plano da gaiola constituia o tecto da casa dos pombos. Nos vastos comedoiros, de uns poucos de metros de comprido, havia uma variedade extraordinaria de comida para as differentes especies.

A gaiola era tão vasta, que os plumosos animaesinhos não soffreram muito a falta da liberdade dos campos. Faziam um barulho de mil demonios.

Havia uma escada exterior, em espiral, que ia ter ao zimbório. Quando a Clarinha, vestida de cores vivas, radiante nos seus tumultuosos oito annos, subia diariamente com a boroneza, com o

barão ou com a aia, e lhes gritava, na sua vozinha aguda, mil caricias, acompanhadas de painço, alpista, pão de ló, gommos de laranja e cascas de melancia, os alados moradores confraternisavam e vinham bater as azas d'encontro ás paredes d'aquella basilica d'arame, como que querendo beijar as mãos divinas da feiticeira creança, em testemunho de gratidão.

A vista penetrante dos passaritos já estava tão familiarisada com a figura da Clarinha que, assim que a apercebiam, voavam todos para o lado da escada, com as azinhas abertas e os biquinhos tambem.

—Gulosos! reprehendia-os ella, muito seriamente, no meio das gargalhadas do barão e das visitas.

E elles, os mario!ões de pennas, cada vez escancaravam mais o bico e agitavam as azas brilhantes, salpicadas de ouro, rubis, topazios, esmeraldas e saphiras.

Nos arredores do palacio, entre a populaça, corria a fama do convivio intimo da Clarinha com a colonia alada do parque; e aquella pobre gente, que recebia beneficios da caridade inesgotavel dos barões de Sequeira, com essa sagacidade dos pobres, para os quaes, a procura de expedientes de que vivem é um verdadeiro exercicio gymnastico do espirito, comprehendera logo o lado fraco da casa, e como consequencia d'isso, choviam todos os dias os presentes de pintasilgos, canarios pardos das ilhas e os amarellos gemma d'ovo, do continente.

Um dia, passou pelo sitio, no Lumiar, um velho com um pintasilgo que tirava sortes dentro de uma gaiola. E ouvindo dizer maravilhas dos passaros do parque do barão, adiantou-se para lá, seguido de grande magote de povo.

Apenas entraram no pateo do palacio, fizeram avisar a Clarinha, e ella desceu logo como uma ave, a custo seguida pela aia. E embrenhou-se por entreja fila dos garotos, os quaes se afastaram respeitadamente, porque todos a adoravam.

O velho cigano, mirrado e amarelento como um charuto secco, com a parodia de um bigode grisalho sombreando-lhe a bocca desdentada, vendo encaminhar-se a elle aquella menina tão rica e tão lindas, preparou-se para dar uma sessão. E depois da lenga-lenga do costume, feita na sua voz fanhosa de velho alcoolico e faminto, obrigou o pintasilgo, repetidas vezes, a tirar sortes da caixinha depositada no centro da gaiola.

Maravilhada com este prodigio, já a Clarinha pensava em o pedir ao velho para servir de instructor ao seu exercito plumoso da grande gaiola, quando os seus ouvidos foram feridos pela observação seguinte:

—Isto é que é habilidade, rapazes! dizia o Joaquim, um garoto taludo de dezeseite annos. Pena é que lhes tirem os olhos para os obrigar a fazer isto.

A Clarinha voltou-se bruscamente e interpellou o rapaz.

—Que dizes!!

—Que este velho cega os pobres bichos, para os ensinar.

A Clarinha tornou-se muito pallida, attingida em pleno peito por esta espantosa revelação, e agarrando subitamente as mãos grossas do rapaz, que conhecia, por ser um dos numerosos afilhados do barão, disse-lhe com intraduzivel expressão:

—Tu mentes para me magoares. Não é assim? Tu és mau! Heide dizer ao papá que nunca mais te dê . . .

O rapaz, seriamente ameaçado de perder a benevolencia d'aquella casa, que estava sempre aberta para todos, interrompeu vivamente:

—Fallo a verdade, menina Clarinha! Olhe que o que eu digo é a verdade pura! Este traste—s designava o velho—cega os passarinhos, chegando lhes aos olhos uma verga em braza!

A Clarinha ouvia aterrada, com os olhos espantados.

Todos os rapazes e raparigas formaram circulo, farejando um acontecimento fóra do commum. Então o garoto, que accusára com tanta firmeza o velho, e que era um camponez robusto e espigado, com musculatura de aço, lançou uma mão ao braço do velho e sacudindo-o como se elle fóra um vime, interrogou-o:

—Dize se não é verdade que cegas os pintasilgos?

Um relampago de colera passou na physionomia feroz do velho, vendo-se tão rudemente sacudido por um rapaz; mas, matreiro, comprehendeu logo que estava na mão de um homem e que o esfolariam vivo se recalcitrasse. Não perdendo, porém, a linha, respondeu:

—Toda a gente sabe que estes bichos são cegos. Isso é mais velho do que a Salve Rainha—s acrescentou, encarando o rapaz: —Deixe-me o braço, meu matulão! . . .

O Joaquim largou lhe o braço e exclamou triumphante:

—Eu não lhe dizia, menina Clarinha?

Mas a pobre pequena, demasiado sensivel, vivendo n'uma atmospheria de sorrisos e caricias, acabava de soffrer um rude golpe no seu coraçãozinho de pomba. E pronunciando dolorosamente as palavras: «cego! cego!» teve uma crise nervosa de choro convulso nos braços da aia, muda espectadora d'esta scena, como uma verdadeira escrava d'aquella rainha.

Por casualidade, chegara a uma janella do palacio o barão, e attentando surprehendido no que se passava, correu ao pateo e avançou ameaçador para a multidão que rodeava a filha.

—Que succedeu? perguntou elle inquieto.

—Sr. barão, respondeu o Joaquim, levando a mão a barrete.

Foi este maroto que entrou aqui para mostrar um pintasilgo que tira sortes; e vae d'ahi, a menina soube que elle cegava os animaes com um ferro em brasa, e desatou a chorar.

O barão não quiz ouvir mais nada e gritou para o: velho  
—Ponha-se lá fóra!

O velho ficou immovel, olhando sonsamente o barão.

Vinte camponeos azougados, offereceram-se logo para o correrem a pontapés. Os pobres, ás vezes, são cruéis uns para os outros.

O velho tirou o seu chapéo e dispoz-se a correr a roda em peditório, firme e imperturbavel, como um verdadeiro philosopho das ruas. Começou pelo barão. Este, para se ver livre d'elle, ia a metter a mão no bolso, quando por detraz d'elle resouo um grito agudo. Era a Clarinha, que tendo cessado de chorar com a cabeça escondida no regaço da aia, se voltara e encarara com o terrivel velho.

O barão, vendo o effeito d'aquella cabeça de Medusa no animo impressionavel da pequena, gritou-lhe de desesperado:

— Afastese d'aqui! homem do diabo!

Era a segunda vez que, por causa da Clarinha, o velho soffria e era prejudicado. E desde este momento, apesar de todo o seu estoicismo, estava irremediavelmente perdido, á mercê dos garotos, que tomaram logo conta d'elle.

Vinte matulões, alentados e ageis de correr atraz do gado, passaram rapidamente por detraz d'elle, alçando successivamente a perna e dando-lhe outras tantas chulipas, verdadeiros coices, com toda a força, no sitio onde a espinha dorsal muda de nome.

As gargalhadas retumbaram por todos os lados. O velho, rugindo e saltando como uma fera acossada em pleno mattagal, procurava debalde fugir com o corpo e cobrir com as mãos o sitio offendido. O infeliz perdeu a tramontana. E para cumulo de desgraça, um garoto abriu a gaiola e roubou-lhe o pintasilgo.

Quando o velho viu o garoto a correr, seguido d'aquella matulagem, teve um presentimento, e abeirando-se da gaiola e ao achar-se roubado, cresceu em furia.

A innocente Clarinha, que observava tudo, ria a bom rir da partida que os rapazes tinham feito ao velho das sortes; ignorando que elles lhe tinham tirado o seu ganha-pão. Estas gargalhadas argentinas chegaram, com a ardencia de balas, aos ouvidos do velho.

N'este momento, um creado, a um signal do barão, poz-lhe a mão no hombro e intimou-lhe zombeteiramente ordem de sair:

—Meia volta á direita: marche! e acenou-lhe para o portão.

Então o velho teve um grito de raiva e levantou os punhos fechados para o barão, gritando-lhe estranguladamente:

—Fico sem pão! Fico sem pão!

O barão, ou porque não o comprehendesse por causa da distancia, ou porque não o ouvisse, não fez caso.

Os rapazes que tinham ficado ainda junto do barão, brutaeos como verdadeiros camponeos, acharam comica a colera do velho e principiaram a escarnecer-o:

—Olha o velho! ah! ah! ah!

O riso é contagioso. A Clarinha, fixando os seus olhos claros e grandes no homem, ria tambem do seu desespero.

Era muito. O riso dos brutos e o riso de uma estrella!

O velho sacudiu a cabeça como a querer afastar o ultimo lampejo da razão, e enfiando a mão no bolso, tirou rapidamente uma navalha, e caiu como um touro, de cabeça baixa, sobre a Clarinha.

Só quando elle brandiu no ar, sobre a cabeça da innocente, o ferro prateado, é que perceberam o seu horrivel intento. Um grito medonho, partiu simultaneamente da bocca do barão e da aia, que se precipitaram para cobrir com o seu corpo o da Clarinha;

mas, teriam chegado tarde, porque o velho já baixava a navalha verticalmente sobre a creança, quando de repente, dois braços vigorosos, cingindo-o pela retaguarda em meio do peito, o puxaram com violencia para traz. A navalha, porém, pela força adquirida, baixou do mesmo modo, e sómente, não encontrando resistencia na sua frente, descreveu um arco de circulo e veio enterrar-se até ao cabo no baixo ventre do proprio assassino, que caiu para não mais se erguer.

O individuo que segurou tanto a tempo o cigano, era o Joaquim, o garoto afilhado do barão, muito estimado no sitio pela sua valentia, e que tinha pela Clarinha uma grande affeição, o que o tornava bem visto no palacio.

O barão chegou-se ao pé d'elle e dando-lhe francamente um abraço, disse-lhe chistosamente, o que era n'elle indicio de commoção e sinceridade.

—Bravo! meu rapaz! E' pena que não sejas barão para te chamar meu genro!

O Joaquim, olhando com malicia para o fidalgo,

respondeu no mesmo tom.

—D'esta massa é que elles se fazem!

O barão tinha feito a sua fortuna no Brazil, vendendo toucinho de Minas ao balcão...

O nobre titular de fresca data achou pilheria ao dicto, e principiou a proteger o rapaz, em quem descobriu perspicacia e uma paixão louca pela Clarinha. Enviou-o para o Brazil, e o garoto enriqueceu escandalosamente em poucos annos. Vae casar em breve com a gentil menina, hoje uma senhora elegantissima e mais amante do que nunca de passaritos. Foram elles que lhe trouxeram a felicidade e o... Joaquim.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O REI KALAKAUA